



A LINGUAGEM

índígena

NAS COLEÇÕES
BIOLÓGICAS

DO POPULAR
AO CIENTÍFICO



PROEXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

UFBA - Instituto de Biologia

Apresentação

O presente catálogo é o resultado da compilação e expansão da apresentação montada pelo Museu de História Natural da Bahia (MHNBA) para a 17ª Semana Nacional dos Museus (SNM), que ocorreu entre os dias 13 e 17 de maio de 2019 e teve como tema “Museus como núcleos Culturais: O futuro das tradições.”

Por entender a importância da preservação e divulgação das línguas faladas pelos povos indígenas do Brasil, o MHNBA procurou apresentar, especialmente dentro de seu acervo, diversos animais e plantas cujos nomes são provenientes de vocábulos de origem indígena, sendo a sua maioria, em decorrência do contato inicial e das alianças forjadas pelos portugueses com os povos do litoral do tronco Tupi-guarani¹. Como destacou Ayrosa (1933), o índio sempre descrevia ou salientava as características marcantes das coisas ou dos seres que denominava.

Sendo assim, nas páginas subsequentes serão apresentadas, ao todo, 46 peças, entre animais e plantas, depositadas no MHNBA, que possuem nomes de origem indígena, bem como outras peças com vocábulos indígenas que foram expostas ao público durante a 17ª SNM.

1 Quando os portugueses aportaram em terras brasílicas, encontraram uma grande diversidade de povos e grupos indígenas, cada um com suas línguas e tradições, pertencentes, de maneira geral, a três grandes famílias linguísticas: Tupi, Gê e Macro-gê.

Sumário

ANIMAIS

	5
Arara-vermelha - <i>Ara macao</i> (Linnaeus, 1758).....	6
Baiacu-Ará - <i>Lagocephalus laevigatus</i> (Linnaeus, 1766).....	7
Baiacu-de-chifre - <i>Acanthostracion quadricornis</i> (Linnaeus, 1758).....	8
Caititu - <i>Pecari tajacu</i> (Linnaeus, 1758)	9
Cutia - <i>Dasyprocta</i> sp	10
Jabuti-Piranga - <i>Chelonoidis carbonaria</i> (Spix, 1824).....	11
Jacaré - <i>Aligatoridae</i>	12
Jaguatirica - <i>Leopardus pardalis</i> (Linnaeus, 1758).....	13
Jiboia - <i>Boa constrictor</i> Linnaeus, 1758.....	14
Jupará - <i>Potos flavus</i> (Schreber, 1774).....	15
Sapo-cururu - <i>Rhinela jimi</i> (Stevaux, 2002)	16
Quati - <i>Nasua nasua</i> (Linnaeus, 1766).....	17
Sagui-de-tufos-brancos - <i>Callithrix jacchus</i> (Linnaeus, 1758).....	18
Sariguê - <i>Didelphys</i> sp	19
Sucuri - <i>Eunectes murinus</i> (Linnaeus, 1758).....	20
Tamanduá-mirim - <i>Tamandua tetradactyla</i> (Linnaeus, 1758)	21
Tatu-galinha - <i>Dasypus novemcinctus</i> Linnaeus, 1758.....	22
Tatu-bola - <i>Tolypeutes matacus</i> (Desmarest, 1804)	23
Teiú - <i>Tupinambis</i> sp	24
Tucano - <i>Ramphastus</i> sp	25
Urubu-rei - <i>Sarcoramphus papa</i> (Linnaeus, 1758).....	26

SUMÁRIO

PLANTAS

28

Açaí - <i>Euterpe oleracea</i> Mart. 1824	28
Baraúna - <i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl. 1876	29
Cacau - <i>Theobroma cacao</i> L. 1753	30
Cambuí - <i>Myrciaria tenella</i> O.Berg, 1857.....	31
Copaíba - <i>Copaifera langsdorffi</i> Desf. 1857	32
Cumaru - <i>Dypteryx odorata</i> Willd. 1802	33
Cupuaçu - <i>Theobroma grandiflorum</i> (Wild. ex Spreng.) K. Schum, 1886	34
Guaraná - <i>Paulinia cupana</i> Kunth, 1821	35
Ipê-amarelo - <i>Tabebuia chrysotricha</i> (Mart. ex DC.) Standl.1936.....	36
Jacarandá – Fabaceae	37
Jatobá - <i>Hymenaea courbaril</i> L. 1753	38
Jequitibá - <i>Couratari legalis</i> Mart. 1837	39
Jurema - <i>Mimosa tenuiflora</i> Benth. 1846	40
Licuri - <i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc. 1916.....	41
Maçaranduba - <i>Manilkara longifolia</i> (A.DC.) Dubard, 1915	42
Maraká	43
Maracujá - <i>Passiflora edulis</i> Sims, 1818	44
Mucugê - <i>Couma rigida</i> Müll. Arg. 1860	46
Piaçava - <i>Attalea funifera</i> Mart. 1825	47
Pindobassu - <i>Attalea pindobassu</i> Bondar, 1942.....	48

Sumário

Pupunha- <i>Bactris gasipaes</i> Kunth, 1816.....	49
Sapucaia - <i>Lecythis</i> sp.....	50
Sucupira preto – <i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth, 1824.....	51
Taioba - <i>Xanthosoma sagitiifolium</i> (L.) Schott, 1832.....	52
Umbu - <i>Spondias tuberosa</i> Arruda, 1816	53
Umburana de cheiro - <i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C. Sm. 1940	54
Urucum - <i>Bixa orellana</i> L. 1753	55

CURIOSIDADES

56

A Vacina do Sapo.....	57
Povos e línguas indígenas homenageados em nomes científicos de peixes.....	58
Povos e línguas indígenas homenageados em nomes científicos de insetos.....	59

EQUIPE

61

REFERÊNCIAS

64

DICIONÁRIO E OBRAS CONSULTADOS PARA OS TERMOS EM TUPI

71

Animais

Os povos indígenas do Brasil têm, em sua percepção de mundo, uma relação única com a fauna local, retirando da natureza apenas o necessário para sobreviver. De maneira geral, os animais na floresta – especialmente os predadores e as presas caçadas pelos índios – seriam também pessoas ou enxergariam a si mesmos como gente, sendo a forma como aparecem apenas uma "roupa" cobrindo sua verdadeira essência (CASTRO, 1996).

O resultado dessa cosmovisão é que nas muitas lendas e histórias culturais das diversas etnias indígenas, os animais aparecem constantemente interagindo e se relacionando com as pessoas.

Nesta seção, apresentamos 21 peças taxidermizadas da Sala de Exposição do Museu de História Natural da Bahia (MHNBA) de representantes da fauna cujos nomes são de origem Tupi.

Cores e barulho

Arara-vermelha

Nome científico: *Ara macao* (Linnaeus, 1758)

Etimologia: Tupi – Ara'a

A arara-vermelha é uma ave de bico curvo, perfeito para se alimentar de sementes e certos tipos de frutos. É um animal de cores exuberantes: vermelho, azul, verde e amarelo (BRITANNICA ESCOLA, 2020a).

Uma característica interessante das araras é que elas costumam ser monogâmicas, ou seja, permanecem com um único parceiro durante toda a vida (PARQUE DAS AVES, 2021). Também são conhecidas pelo amplo leque de vocalizações que emitem em bando, produzindo sons muito altos.



Foto: Acervo do MHNBA

Peixe bebe água?

Baiacu-Ará

Nome científico: *Lagocephalus laevigatus* (Linnaeus, 1766)

Etimologia: Tupi – Mbaya'ku

Baiacu ou peixe-bola é o nome dado a várias espécies de peixes que têm a capacidade de inflar o corpo como um mecanismo de defesa. Quando se sentem ameaçados, esses animais engolem uma grande quantidade de água, aumentando muito de tamanho, o que impede que sejam predados por outros animais (BRITANNICA ESCOLA, 2020b).

Algumas espécies, como o baiacu-ará, são muito apreciadas pela sua carne, mas requerem cuidado em seu preparo, pois esses peixes carregam em seu corpo um veneno muito potente, que atinge o sistema nervoso (SANTANA, 2020).



Foto: Acervo do MHNBA

Chifre e bico?!

Baiacu-de-chifre

Nome científico: *Acanthostracion quadricornis* (Linnaeus, 1758)

Etimologia: Tupi – Mbaya'ku

O baiacu-de-chifre, também chamado de peixe vaca, destaca-se pela presença de dois espinhos acima dos olhos, os quais se assemelham a chifres e um outro espinho próximo à nadadeira caudal.

Apesar da aparência amigável e das belas cores do baiacu-de-chifre, sua mordida pode ser especialmente dolorosa. Seus dentes são fundidos um ao outro, formando uma espécie de "bico", muito resistente e capaz até de quebrar a carapaça de caranguejos dos quais se alimenta. (BRITANNICA ESCOLA, 2020c)



Foto: Acervo do MHNBA

Eu não
sou porco
não!

Caititu

Nome científico: *Pecari tajacu* (Linnaeus, 1758)

Etimologia: Tupi – Taytetú – o que ataca com os dentes caninos

O caititu, ou cateto, é um animal originário das américas, que se alimenta de raízes, tubérculos e larvas. Por vezes, é confundido com o queixada (*Tayassu pecari*) e com o javali (*Sus scrofa*). (ALBUQUERQUE et al., 2016) Para identificá-lo, basta olhar para faixa branca de pelos que envolve o seu dorso como um "colar".

Os caititus também são conhecidos por andarem em grupos com mais de 20 indivíduos, os quais reconhecem uns aos outros, cuidam dos filhotes e protegem-se contra predadores (TIEPOLO; TOMAS, 2006). Reconhecem-se através do odor exalado por uma glândula localizada em seu dorso, que também é usada para demarcar seu território (BYERS; BECKOFF, 1981; MAYER; BRANDT, 1982 apud TIEPOLO, TOMAS, 2006).



Foto: Rodrigo Brandão

Cultiva
a terra
todo dia

Curtia

Nome científico: *Dasyprocta* sp

Etimologia: Tupi - A-kuti – o que come em pé

A cutia é um pequeno roedor americano e uma grande aliada no crescimento de novas árvores e na manutenção da flora devido a um hábito curioso: a cutia costuma enterrar algumas das sementes de que se alimenta, assim poderá comê-las em tempos de escassez (OLIVEIRA; BONVICINO, 2006). Como algumas dessas sementes nunca são desenterradas, germinam e produzem novas plantas.

As cutias também são excelentes saltadoras, tendo as patas anteriores menores do que as posteriores. Essa característica dá a impressão de que a cutia está sempre comendo em pé, derivando daí, provavelmente, o significado do seu nome: o que come em pé.



Foto: Rodrigo Brandão

Devagar e sempre

Jabutí-Pirangá

Nome científico: *Chelonoidis carbonaria* (Spix, 1824)

Etimologia: Tupi – Iautí – o que nada respira ou o que não bebe – Piránga-vermelho

As tartarugas terrestres ou jabutis, possuem, assim como os cágados e tartarugas-marinhas, uma estrutura protetora chamada de casco. São animais conhecidos pelo seus passos vagarosos e por sua longevidade, com algumas espécies de jabutis ultrapassando a marca dos 100 anos (BRITANNICA ESCOLA, 2020d)

Outra característica peculiar desses animais é que, apesar dos seus passos lentos, eles podem percorrer longas distâncias e, se necessário, passar um longo período sem ingerir a água (JANE, 2016). Talvez por essas características os indígenas tenham-no nomeado de yawotí, ou seja, o que nada respira ou não bebe.

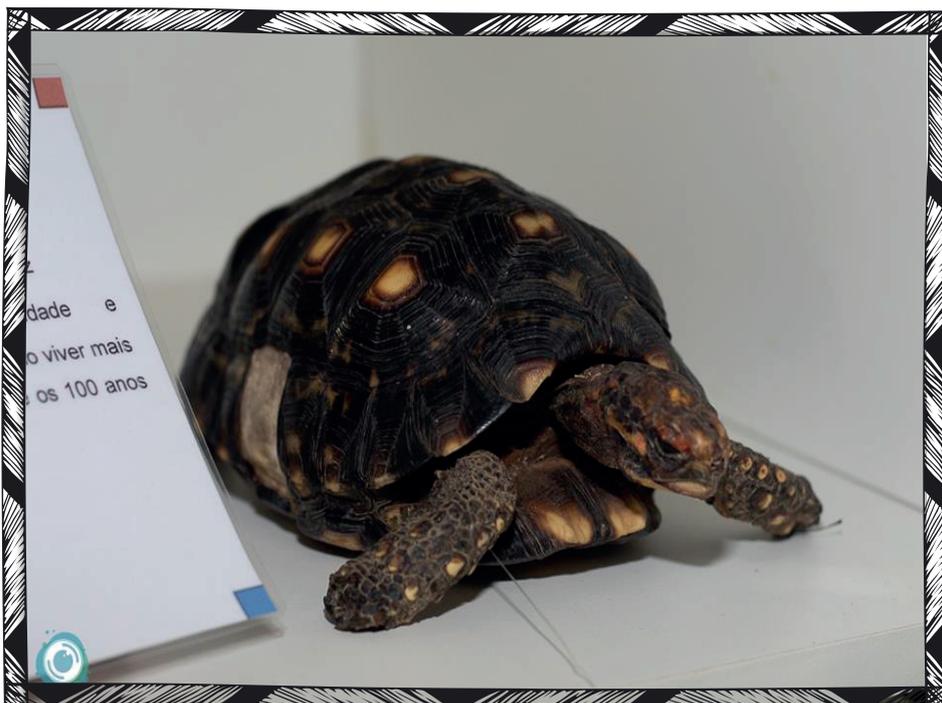


Foto: Rodrigo Brandão

Croco dilagem | Jacaré

Nome científico: Aligatoridae

Etimologia: Tupi – Yechá-caré – o que olha de lado ou de soslaio

O jacaré tem a pele do seu corpo coberta por escamas duras e ricas em queratina, que o protegem e formam uma espécie de “armadura” (GOES, 1989). São animais muito ágeis na água, tendo diversas adaptações para o meio aquático. Eles são grandes predadores, engolindo, geralmente, suas presas sem mastigar (GOES, 1989). Apesar da força que possuem, são muito cuidadosos com os filhotes, carregando-os na boca sem machucá-los (PELE DE..., 2012).

Outra característica interessante é que seus olhos estão localizados na lateral do seu crânio, dando a impressão de estarem sempre olhando para os lados. Talvez por conta dessa peculiaridade, os indígenas deram-lhe o nome de Yechá-caré.



Foto: Rodrigo Brandão

Sou pintada,
mas não
SOU
onça

Jaguatirica

Nome científico: *Leopardus pardalis* (Linnaeus, 1758)

Etimologia: Tupi – Iuati'rika – onça que recua

A jaguatirica é um felino nativo das Américas, habitando as florestas tropicais. É um animal solitário e de hábitos noturnos, alimentando-se de pequenos roedores, aves e lagartos (CHEIDA et al., 2006).

A pelagem da jaguatirica, muito parecida com a da onça-pintada, é ideal para camuflagem na mata.



Foto: Acervo do MHNBA

Medo por quê?

Jiboia

Nome científico: *Boa constrictor* (Linnaeus, 1758)

Etimologia: Tupi – Yi'mboia – serpente de arco-íris

A jiboia é uma serpente constritora e não tem peçonha. É um animal que impressiona pela beleza e pelo tamanho, com alguns indivíduos adultos ultrapassando os 3 m de comprimento (FREITAS, 2003)

Quando a jiboia se sente ameaçada, ela expele o ar rapidamente dos pulmões, produzindo um som profundo conhecido como bafo da jiboia.

O seu nome significa "serpente arco-íris" e faz referência a uma outra serpente, conhecida como jiboia arco-íris (*Epicrates* sp.), cuja pele, ao ser exposta à luz, apresenta um brilho iridescente (AMARAL, 1977).



Foto: Acervo do MHNBA

Sabe O que é frugivoria?

Jupará

Nome científico: *Potos flavus* (Schreber, 1774)

Etimologia: Tupi – Iupará

O jupará, também conhecido como macaco-da-noite, é um pequeno mamífero arborícola e de hábitos noturnos, alimentando-se, principalmente, de frutas, néctar, mel e insetos (CHEIDA et al., 2006).

Ele possui garras compridas e dentes afiados, que usa para abrir os frutos de que se alimenta. Embora não seja um animal muito conhecido, o jupará atua como um importante difusor de sementes, ajudando na dispersão e crescimento de mais árvores nas florestas, como o *Inga* sp (CHARLES DOMINIQUE et al., 1981 apud CHEIDA et al., 2006).



Foto: Rodrigo Brandão

Nada de sal!

Sapo = CURURU

Nome científico: *Rhinella jimi* (Stevaux, 2002)

Etimologia: Tupi – Kururú

Esse anfíbio impressiona pelo tamanho, com alguns espécimes chegando a ultrapassar os 15 cm (EMBRAPA, 2021). Na época de acasalamento, esses animais emitem um chamado para atrair as fêmeas, que pode ser ouvido a mais de 100 m de distância.

Quando se sente ameaçado, o sapo cururu costuma inflar o corpo como estratégia de defesa. Além disso, eles possuem duas glândulas que, quando pressionadas, liberam uma substância esbranquiçada (EMBRAPA, 2021), que pode levar a espasmos e vômito se ingerida.



Sinto cheiro de comida

Quati

Nome científico: *Nasua nasua* (Linnaeus, 1766)

Etimologia: Tupi – Kua'ti – que tem risca no corpo ou nariz pontudo

O quati é um mamífero facilmente identificado pelo seu longo focinho, o qual mostra, logo de cara, um dos seus sentidos mais aguçados: o olfato. Podem viver em grupos de mais de 30 indivíduos (CHEIDA et al., 2006).

São animais onívoros, ou seja, alimentam-se de produtos de origem vegetal e animal, comendo de quase tudo: frutas, insetos, minhocas, etc (SILVEIRA, 2020). Quando se alimentam de frutos, também atuam como importantes dispersores de sementes (ROCHA, 2001; ALVES COSTA, 2006 apud CHEIDA et al., 2006).



Foto: Acervo do MHNBA

Cada macaco no seu galho

Sagui-de-tufos- brancos

Nome científico: *Callithrix jacchus* (Linnaeus, 1758)

Etimologia: Tupi – Sawín

O sagui-de-tufos-brancos é um pequeno primata chamado popularmente de "mico". São animais muito ágeis e espertos, habitando as copas das árvores em grandes grupos (BICCA-MARQUES, J.C et al., 2006).

Embora o sagui desperte a simpatia das pessoas, trata-se de um animal silvestre. A criação ilegal desse primata como pet estimula o tráfico de animais, tendo como consequência a proliferação indevida da espécie fora do seu habitat, tornando-se uma espécie invasora (IMA, 2019).



Foto: Rodrigo Brandão

Mais
canguru que
rato

Sariguê

Nome científico: *Didelphis* sp

Etimologia: Tupi – Sari'ue – animal de saco ou barriga oca

O sariguê, timbu ou gambá, é um grande escalador, utilizando a sua cauda prênscil para se pendurar nas árvores (ROSSI et al., 2006). Apesar da má fama, o gambá brasileiro, diferentemente do cangambá americano (*Mephitis mephitis*), não exala um odor tão forte ao se sentir ameaçado (BUCHERONI, 2018), sendo a sua principal estratégia de defesa fingir-se de morto.

Os sariguês se alimentam de quase tudo, incluído aranhas, escorpiões e até algumas serpentes, atuando no controle populacional desses animais (EMMONS; FEER, 1997 apud ROSSI et al., 2006).

Outra característica interessante é que o gambá, assim como os cangurus, é um marsupial. Ou seja, seus filhotes terminam de se desenvolver em uma espécie de bolsa das suas mães, chamada marsúpio (SAMOTO, 2020). Observando essas características, os indígenas deram-lhe o nome de Sari'ue, que significa animal de saco.

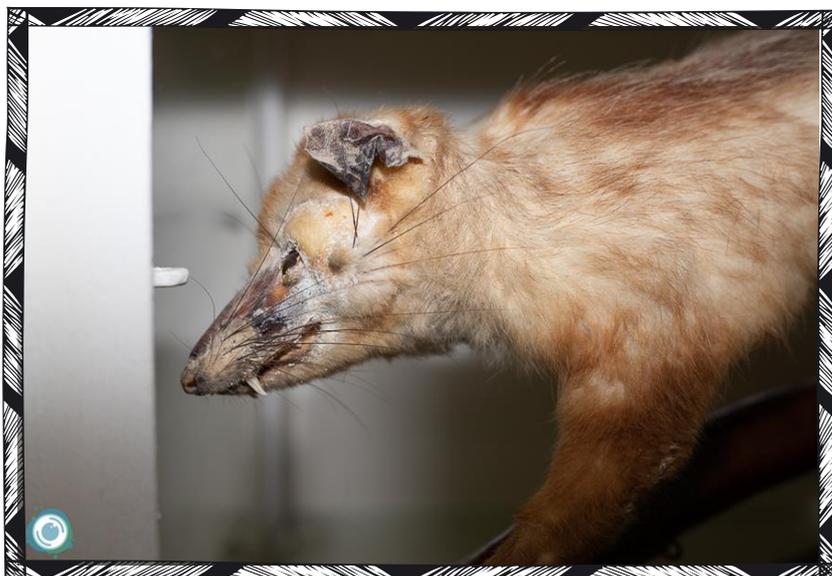


Foto: Rodrigo Brandão

Que tal
um abraço bem
apertado?

SUCURI

Nome científico: *Eunectes murinus* (Linnaeus, 1758)

Etimologia: Tupi – Çúu-curi – morde depressa

A sucuri, também conhecida como anaconda ou sucuiuba, é uma serpente constritora, ou seja, ela enrola seu corpo sobre a presa impedindo-a de respirar. É um animal de grandes proporções, com alguns indivíduos ultrapassando os 8 m de comprimento (FREITAS, 2003). A sucuri também é uma excelente nadadora, habitando rios e outros corpos d'água onde se alimenta de peixes, aves e até jacarés (FREITAS, 2003).

A sucuri também é um animal muito importante na cultura dos Caxinauá, uma etnia indígena de língua pano. Na narrativa desse povo, Yube, após se apaixonar pela mulher-sucuri na beira do rio, transforma-se em sucuriju e vai viver com ela, onde descobre o segredo para o preparo da bebida cipó ou ayahuasca. Quando volta a ser homem, Yube conta ao seu povo o segredo para o preparo da bebida. (CAMARGO, 1999)



Foto: Acervo do MHNBA

Já comeu
farofa de tanajura?
Recomendo.

Taunmandurá-mirim

Nome científico: *Tamandua tetradactyla* (Linnaeus, 1758)

Etimologia: Tupi – Ta-monduá – o caçador de formigas

O tamanduá-mirim, também chamado de tamanduá de colete, faz jus ao significado do seu nome: tem um ávido apetite por formigas (MEDRI et al., 2006). Ao encontrar um formigueiro ou cupinzeiro, o tamanduá-mirim usa as suas garras para abrir caminho, depois, com sua língua pegajosa, captura e engole esses insetos.

Quando se sente ameaçado, o tamanduá-mirim adota uma postura defensiva: apoia-se nas patas traseiras e em sua cauda, deixando as suas garras dianteiras livres (MEDRI et al, 2006). Se o predador se aproximar ele fecha os braços e aperta com suas garras, aplicando o chamado abraço do tamanduá.



Foto: Acervo do MHNBA

Cava- buraco

Tatur-galinha

Nome científico: *Dasyus novemcinctus* (Linnaeus, 1758)

Etimologia: Tupi – Ta'tu

O tatu-galinha é uma das espécies mais conhecidas de tatu, alimentando-se, principalmente, de insetos, pequenos vertebrados e tubérculos (EMMONS, 1990; NOWAK, 1999 apud MEDRI et al., 2006).

Esses animais também são excelentes escavadores, cavando buracos com túneis sofisticados e que servem como reservatório de insetos, para dormir e abrigar os filhotes (MCDONOUGH; LOUGHRY, 2003 apud MEDRI et al., 2006), sendo até mesmo utilizados por outros animais quando ele abandona sua toca.



Foto: Rodrigo Brandão

Podem me
chamar de
fuleco.

Tatur=bola

Nome científico: *Tolypeutes matacus* (Desmarest, 1804)

Etimologia: Tupi - Ta'tu

Na natureza os mecanismos de defesa são essenciais para sobrevivência e o tatu-bola se destaca nesse quesito. O dorso dele é coberto por placas ósseas sobrepostas, conectadas por uma membrana delgada, que dá flexibilidade aos seus movimentos (MEDRI et al., 2006). Esse design engenhoso confere ao tatu-bola uma defesa resistente e, ao mesmo tempo, velocidade (GATES, 2010).

Quando se sente ameaçado, esse animal se enrola e protege sua cabeça e patas na sua armadura esférica, vindo daí o seu nome popular de tatu-bola.



Foto: Acervo do MHNBA

Triatleta | Teiú

Nome científico: *Tupinambis* sp

Etimologia: Tupi – Te'yu – lagarto

O teiú é um dos maiores lagartos do Brasil, tendo uma alimentação bem variada: roedores, serpentes, ovos e aves (REIS, 2020). A língua desse animal, tal como a das serpentes, é bífida, e ele a utiliza para captar as partículas de cheiro do ar, detectando, assim, suas presas.

Quem observa o teiú tomando sol ao meio do dia, nem imagina quão versátil ele pode ser. Um verdadeiro triatleta do mundo animal, o teiú é capaz de correr, subir em árvores e nadar, não hesitando em enfrentar uma possível ameaça.



Foto: Acervo do MHNBA

Bom de bico

 |

Tucano

Nome científico: *Ramphastos* sp

Etimologia: Tupi – Tu'kana – que bate forte

O tucano é uma ave que se alimenta, principalmente, de frutos e sementes, sendo um importante dispersor.

A sua característica mais marcante é o bico, o qual impressiona pelo tamanho e cores vibrantes, com algumas espécies tendo um bico de mais de 22 cm de comprimento. Apesar do tamanho, é extremamente leve e resistente graças à sua estrutura interna que se assemelha a uma esponja (MOLICA, 2005).



Foto: Rodrigo Brandão

Mestre do ar

Urubu-rei

Nome científico: *Sarcoramphus papa* (Linnaeus, 1758)

Etimologia: Tupi – Uruwú – ave grande e preta

Com quase 2 m de envergadura de asa e 80 cm de comprimento, o urubu-rei impressiona pelo tamanho e faz jus ao seu nome. Esses animais também são verdadeiros mestres do céu, podendo voar por horas com o auxílio das correntes de vento (MENQ, 2018).

Apesar de não serem muito populares, devido à sua alimentação necrófaga, os urubus desempenham um papel ecológico muito importante. Como se alimentam de animais em decomposição, eles ajudam a remover as carcaças, limpando o ambiente e evitando a proliferação de bactérias e doenças. (SICK, 1997)



Foto: Acervo do MHNBA

Plantas

Quando os portugueses chegaram em terras brasileiras, eles encontraram uma diversidade de plantas até então desconhecida. Os indígenas não apenas conheciam essas plantas, mas também faziam amplo uso delas, tanto para a alimentação, quanto para a cura de diversas enfermidades.

A língua portuguesa do Brasil, ao longo do seu processo formativo, absorveu e incorporou em seu vocabulário muitos dos nomes dados pelos indígenas a flora nativa. Palavras como caju, cajá, mandioca, pequi, jabuticaba – e tantas outras – são todas originárias de línguas faladas pelos indígenas.

Assim, colocamos, nesta seção, diversas plantas com nomes de origem indígena, bem como algumas curiosidades sobre elas e seus diferentes usos.

A maioria das plantas apresentadas pode ser encontradas nos mostruários da carpoteca, na coleção etnobotânica e na coleção de madeiras do MHNBA, outras foram expostas temporariamente durante a 17ª Semana Nacional dos Museus.

Guardiã | Açaií

Nome científico: *Euterpe oleracea* Mart. 1824

Etimologia: Tupi – Ywa-saí – fruto que chora e palmeira de água.

Desta árvore se aproveita praticamente tudo: do fruto o "vinho de açai", o consumo in natura ou em sorvetes e iogurtes; a semente pode ser utilizado como adubo ou para colares; as folhas para forrar as cabanas e como forragem para os animais e seu caule produz palmito de boa qualidade (NOGUEIRA, 2005).

Conhecendo a versatilidade do açaií e sua importância como alimento, os indígenas contam a lenda do surgimento desse fruto: uma tribo, após meses passando fome, decidiu que toda criança que nascesse seria morta. Logo depois, Iaçá deu à luz a uma menina, que foi sacrificada. Achando ter visto a filha na floresta, ela correu e a abraçou. No dia seguinte, a aldeia encontrou Iaçá morta, com lágrimas no rosto e abraçada a uma palmeira. Dessa árvore eles colheram os frutos e salvaram a aldeia da fome. Por isso, em algumas regiões da Amazônia o açaií é chamado de iça-çai, que significa fruto que chora (BRITO, 2007 apud ALMEIDA, 2018).



Foto: Acervo do MHNBA

Nome científico: *Schinopsis brasiliensis* Engl. 1876

Etimologia: Tupi – Ymbira-úna – madeira escura.

Essa árvore típica do cerrado, fornece uma madeira dura e resistente, ideal para a produção de vigas e estacas, enquanto que sua casca é rica em substâncias anti-inflamatórias e cicatrizantes, sendo empregado na medicina popular (DIAS; KILL, 2008). Também é uma importante fonte de alimento para certas abelhas sem ferrão, que polinizam suas flores (BRAZOLIN et al., 2018).

Uma curiosidade interessante desta árvore é a coloração interna do seu tronco, muito escuro e em alguns exemplares quase preto. Talvez por essa característica, os indígenas deram-lhe o nome de ymbira-úna, que significa madeira escura.



Nem tupi,
nem guarani

Cacau

Nome científico: *Theobroma cacao* L. 1753

Etimologia: mixe-zoquean – Kakawatl

Matéria prima para o preparo do chocolate, o cacau foi domesticado e cultivado, inicialmente, pelo povo olmeca e incorporado na cultura e religião dos astecas, os quais preparavam uma bebida de gosto forte, feita com baunilha e mel, chamada xocoatl (SOUSTELLE, 2002).

Há também relatos do uso do cacau pelos povos indígenas do Brasil, sendo que esse fruto, além de ser um importante produto nacional, é também um alimento nutritivo e rico em antioxidantes e ferro.



Foto: Herbario Alexandre Leal Costa.

No licor
e no chá

Camburú

Nome científico: *Myrciaria tenella* O. Berg, 1857

Etimologia: Tupi-guarani – Kam'bui – folha que se desprende ou árvore de galho fino.

O cambuí, também chamado de cambiuva e cambuim, é uma árvore muito apreciada pela qualidade da sua madeira, que é resistente a pragas (LORENZI, 2009), e pelo sabor dos seus frutos, os quais podem ser amarelos, vermelhos ou roxos – a depender da espécie – sendo utilizados no preparo de licores, fermentados e doces (LORENZI, 2009).

Além do consumo dos seus frutos, suas folhas e caule são usados na medicina popular para o alívio da diarreia e cólicas.



Foto: Acervo do MHNBA

Mina
de óleo

Copaíba

Nome científico: *Copaifera langsdorffi* Desf. 1857

Etimologia: Tupi – Kopa-yba – Árvore de jazida ou depósito.

A copaíba, também conhecida como pau-óleo e copaúba, é famosa pelo óleo-resina que se extrai a partir da perfuração de seu tronco, o qual é utilizado na indústria de perfumes, em alimentos e até em solventes (PIERI, F.A et al., 2009). Mas são as propriedades medicinais do óleo de copaíba que mais chamam a atenção, graças à sua ação anti-inflamatória, analgésica e cicatrizante (FILHO, 2015)

Essas propriedades curativas eram bem conhecidas pelos indígenas desde tempos imemoriais, os quais empregavam o óleo para cicatrizar feridas e no coto umbilical de recém-nascidos (PIERI, F.A et al., 2009). Uma vez que extraíam o óleo-resina em grande quantidade do tronco das copaibeiras, deram-lhe o nome kopa-yba.



Foto: Acervo do MHNBA

Perfume na mata

Cumaru

Nome científico: *Dipteryx odorata* (Aubl.) Willd. 1802

Etimologia: Tupi – Kumbarú.

O cumaru, também conhecido como umburana-verdadeira, é uma árvore encontrada em quase toda a região amazônica, sendo muito apreciada pelas suas sementes, consumidas como amêndoas ou utilizadas em artesanato, além de produzir uma madeira de boa qualidade e resistente a pragas (MATTOS et al., 2010).

As sementes do cumaru são ricas em uma substância aromática, de cheiro adocicado, chamada cumarina, sendo empregadas na indústria de perfumes, cosméticos e como substituta da baunilha na culinária (TOMCHINSKY, 2017).



Foto: Rodrigo Brandão

Quase
chocolate

Cupuaçu

Nome científico: *Theobroma grandiflorum* (Wild. ex Spreng.) K. Schum, 1886

Etimologia: Tupi – Kupu'asu – cacau que parece grande.

O cupuaçuzeiro é um parente próximo do famoso cacau, sendo apreciado pelo sabor dos seus frutos e cheiro agradável, que fazem jus ao significado do seu nome devido ao grande tamanho que possuem.

A polpa do seu fruto é bem versátil, sendo utilizada no preparo de sucos, sorvetes, biscoitos, licores, bombons e xaropes (CALZAVARA, 1970). Do cupuaçu também se aproveitam as sementes, usadas como matéria prima para a fabricação do cupulate (BARBOSA; NAZARÉ; VIÉGAS, 1990) e de óleo empregado em cosméticos.



Foto: Dick Culbert from Gibsons, B.C., Canada, CC BY 2.0

<<https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/>>, via Wikimedia Commons

Olho do curumim

Guaraná

Nome científico: *Paullinia cupana* Kunth, 1821

Etimologia: Tupi – Waraná – semelhantes a coquinhos.

O guaraná é conhecido pelas propriedades energéticas do seu fruto, que é rico em cafeína e tiamina, sendo utilizado como estimulante e na produção de xaropes, sucos, refrigerantes cosméticos (POLTRONIERI et al., 1995), além de ser empregado na medicina popular.

Os índios sateré-mauwé são conhecidos como povo do guaraná, uma vez que desde tempos imemoriais cultivam a planta e dela produzem uma bebida energética considerada sagrada e chamada capô (LOREZ et al., 2007 apud ALMEIDA, 2018).

Segundo a lenda contada pelo povo sateré, o guaraná teria se originado do olho direito do filho de Tupana, que enterrou o olho de seu filho para que ele continuasse a existir (ALMEIDA, 2018). Coincidentemente, o fruto do guaraná assemelha-se a um olho abrindo.



Foto: Acervo do MHNBA

Símbolo nacional

Ipê-amarelo

Nome científico: *Tabebuia chrysotrichus* (Mart. ex DC.) Standl. 1936

Etimologia: Tupi – Ig'pê – árvore cascuda.

O ipê-amarelo, também conhecido como pau d'arco por causa da flexibilidade e resistência de sua madeira, é uma árvore muito apreciada no paisagismo como uma planta ornamental devido as suas flores amarelas, tendo sido escolhida como um dos símbolos nacionais (LORENZI, 2009).

A casca do ipê também encontra seu uso na medicina popular, sendo utilizada como anti-inflamatório e no tratamento de gripes e resfriados (CHÁ DE..., 2017)



Foto: Acervo do MHNBA

Nobre | Jacarandá

Nome científico: Fabaceae

Etimologia: Tupi – Iakaran'da – que tem cabeça dura.

Jacarandá é o nome dado a várias árvores, como o jacarandá da Bahia (*Dalbergia nigra*) e o jacarandá-amarelo (*Machaerium villosum*). Essas árvores, devido a sua diversidade, encontram vários usos, desde o paisagístico e ornamental – com algumas espécies produzindo flores roxas e amarelas – até o de madeira de lei para a confecção de instrumentos musicais e mobília de alta qualidade e resistência (FILHO, 2015; GOMES, 2010).



Foto: Acervo do MHNBA

Cabeça dura

Jatobá

Nome científico: *Hymenaea courbaril* L. 1753

Etimologia: Tupi – Ieti'ua – árvore com frutos duros.

Considerado sagrado por algumas etnias indígenas, o jatobá é uma árvore que fornece inúmeros produtos, sendo utilizado para produção de biscoitos, bolos e doces (CAMILO; CORADIN; OLIVEIRA, 2018).

Os frutos do jatobá, envolvidos por uma casca dura assim como dá a entender o seu nome, podem ser consumidos in natura ou para a produção de um tipo de farinha muito nutritiva. Já a sua casca e folhas são empregadas na medicina popular para o alívio da diarreia, tosse, cólicas e como repelente natural (SCHULZE; SHANLEY, 2010). Além do mais, a seiva – usada para produzir vernizes e a madeira do jatobá – resistente a rachaduras – tem importante valor comercial (SCHULZE; SHANLEY, 2010).



Foto: Acervo do MHNBA

Alto! | Jequitibá

Nome científico: *Couratari legalis* Mart. 1837

Etimologia: Tupi – Yekitibá – o covo pontuado + fruto

Alcançando, em média, mais de 30 metros de altura e 4 metros de diâmetro, o jequitibá é o verdadeiro gigante da floresta, além de ser uma das árvores mais longevas, com alguns exemplares ultrapassando os 500 anos (GIIGANTE..., 2020).

O jequitibá também é a árvore símbolo do estado de São Paulo, onde é possível encontrar – no parque de vassunga – um dos maiores exemplares da espécie, com cerca de 40 m de altura (FILHO; SARTORELLI, p. 116).



Foto: Acervo do MHNBA

Mágica | Jurema

Nome científico: *Mimosa tenuiflora* Benth. 1846

Etimologia: TTupi – Yu'rema – espinheiro suculento

A jurema é, como seu nome sugere, uma árvore espinhenta, tendo uma madeira de alta qualidade. Além do mais, essa árvore, devido ao seu rápido crescimento e capacidade de rebrota, pode ser usada na recuperação de áreas degradadas (IMPERATRIZ-FONSECA et al., 2012).

A sua casca, raízes e sementes também são empregadas na medicina popular. Além do seu uso medicinal, a jurema é muito importante nas práticas mágico-religiosas de certas etnias indígenas, que preparam um tipo de bebida e fumo a partir desta planta, acreditando ser ela capaz de propiciar o contato com as grandes entidades (GASPAR, 2020).



É COCO

(vai um coquinho aí?)

Licuri

Nome científico: *Syagrus coronata* (Mart.) Becc. 1916

Etimologia: Tupi – Urikurí

O licuri, aricurí, nicurí ou ouricurí é um tipo de palmeira típica da caatinga, cuja a utilização remonta a época colonial do Brasil, sendo vital para sobrevivência do sertanejo, para alimentação do gado e de vários animais silvestres (DRUMOND, 2007).

Praticamente tudo se aproveita desta planta: as folhas são usadas na produção de vassouras, chapéus e espanadores (CARVALHO; CONCEIÇÃO; LEÃO, 2018), além de servirem como forragem animal; seus frutos produzem amêndoas usadas no preparo de um tipo de farinha ou para produção do azeite de licuri, além de servir para o preparo de doces e licores (DRUMOND, 2007).



Resistente | Maçaranduba

Nome científico: *Manilkara longifolia* (A.DC.) Dubard, 1915

Etimologia: Tupi – Massarani'ua – pau escorragadio

Essa árvore, nativa do Brasil, produz uma madeira de cor avermelhada e de alta qualidade para construção civil e marcenaria, sendo resistente ao ataque de fungos e cupins e ao apodrecimento, mesmo estando em contato com o solo (IPT, 2020).

Além da qualidade de sua madeira, a maçaranduba também é uma árvore de aspecto exuberante, atingindo um tamanho considerável (ROOSMALEN; GARCIA, 2000 apud CRUZ, 2016).



Foto: Acervo do MHNBA

Pra tocar!

Maraká

Instrumento de cabaça

Etimologia: Tupi – Mbará-ka – barulho de casca

O maraká, maracaxá ou xuatê é um instrumento percussivo de origem indígena, sendo confeccionado, geralmente, a partir de uma cabaça seca e oca, atravessada por uma haste de madeira (LÉRY, 1960). Dentro dela são colocadas pequenas pedras ou sementes, produzindo um som similar à um chocalho (FRUNGILLO, 2003, p. 203 apud TIBÃES, 2017)

É um elemento importantíssimo em diversas tradições indígenas, sendo utilizado em cerimônias religiosas, festas, danças, sendo um elemento indispensável nos rituais xamânicos (TIBÃES, 2017).



Foto: Acervo do MHNBA

Paixão! | Maracujá

Nome científico: *Passiflora edulis* Sims, 1818

Etimologia: Tupi – Morukuiá – alimento em forma de cuia

O maracujá é uma planta famosa pelas suas propriedades calmantes, com diversas espécies conhecidas e apreciadas pelo sabor de seus frutos. Além do mais, ele é um importante produto nacional, sendo o Brasil um dos maiores produtores e consumidores da fruta (ZACHARIAS, 2016).

Mas o que mais chama a atenção nessa planta é a beleza de suas flores, as quais impressionaram os viajantes e colonos europeus pelo seu tamanho (SOUSA, 1851) e grande variedade de cores: brancas, roxas e avermelhadas.

Foi justamente a beleza e características dessas flores que levaram o poeta Giacomo Bosio (1544 – 1627) a ver na flor do maracujá todos os sinais da paixão de Cristo: os três pistilos seriam a trindade, os estiletos seriam os pregos que prenderam Jesus e as cinco anteras as chagas de Cristo. Por isso, em alguns países o maracujá é conhecido como passion fruit (em inglês) e fruto de la pasión (em espanhol), ou seja fruto da paixão (ZACHARIAS, 2016).



Foto: Elielcondeeg, CC BY-SA 4.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>>, via Wikimedia Commons

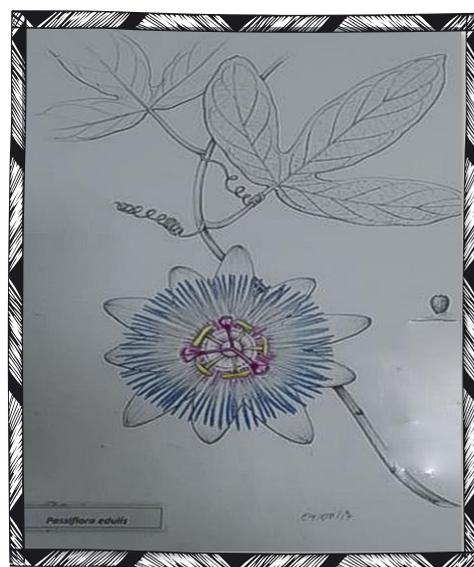


Foto: Acervo do MHNBA

Quem disse
que é só cidade?

Mucugê

Nome científico: *Couma rigida* Müll. Arg. 1860

Etimologia: Tupi – Muku'ie

A região do parque nacional da Chapada diamantina abriga uma árvore que emprestou seu nome a um rio e uma cidade da Chapada, trata-se do mucugê. Essa planta, endêmica do nosso país, é apreciada pelo sabor dos seus frutos, podendo ser encontrada à beira de rios (SOUSA, 1851).

É consumida localmente através da coleta extrativista e da produção artesanal de licor.



Foto: Acervo do MHNBA

Varre, varre

Piaçava

Nome científico: *Attalea funifera* Mart. 1825

Etimologia: Tupi – Pyá-açaba – amarrilho ou a atadura

Piaçaba ou piaçava é o nome de uma palmeira usada há muito tempo por diversas etnias indígenas para a fabricação de cestos e cordas, bem como por comunidades tradicionais que fabricam um artesanato de alta qualidade, fazendo uso de quase todas as partes da planta (CARVALHO; CONCEIÇÃO; JESUS, 2018).

A fibra extraída do tronco da piaçava é lisa, impermeável e muito resistente, sendo a principal matéria prima para a produção da famosa vassoura de piaçava, além de também ser empregada na produção de escovões, cabos náuticos e cordas (CARVALHO; CONCEIÇÃO; JESUS, 2018).



Foto: Acervo do MHNBA

Palmeira para toda obra

Pindobassu

Nome científico: *Attalea pindobassu* Bondar, 1942

Etimologia: Tupi: – Pindô-assu – a palmeira grande.

O pindobassu é uma palmeira nativa do estado da Bahia, sendo encontrada na região da Serra do Ouro e destacando-se pelo seu tamanho (NOBLICK, 2019).

As folhas do pindobassu são uma importante fonte de matéria-prima para a produção de utensílios domésticos e para alimentação do gado, além de se extrair, dos seus frutos, um tipo de óleo (SANTOS, 2018).



Foto: Herbário Alexandre Leal Costa.

Palmito ou fruto?

Pupunha

Nome científico: *Bactris gasipaes* Kunth, 1816

Etimologia: Tupi – Pupunã

Essa palmeira de grande porte foi domesticada, inicialmente, por indígenas da Amazônia, sendo conhecida pelos seus frutos de sabor agradável e altamente nutritivos, geralmente consumidos cozidos e acompanhados de café, sendo uma importante fonte de alimento para as populações e famílias de áreas rurais e grupos indígenas (NOGUEIRA, 1995).

Todavia, não são apenas os frutos da pupunha que podem ser aproveitados: sua madeira preta com linhas amareladas é excelente para móveis e artesanato, suas folhas podem ser usadas na produção de cestos e seu caule produz um palmito de boa qualidade (CYMERYYS; CLEMENT, 2010).

Alguns grupos indígenas do alto dos rios Negro e Solimões, no Amazonas, realizam uma "festa da pupunha" durante o período de safra dessa palmeira, época em que preparam a caissuma, uma bebida fermentada feita de pupunha (CYMERYYS; CLEMENT, 2010).



Foto: Acervo do MHNBA

Caixinha?

Sapuçaia

Nome científico: *Lecythis* sp

Etimologia: Tupi – Yasapukáia – fruto que faz os olhos saltados

A sapucaia é uma árvore muito apreciada no paisagismo, com flores brancas ou lilases que cobrem a copa da árvore, além de produzir uma madeira de boa qualidade, apropriada para instrumentos musicais, brinquedos e cabos de ferramentas (CARVALHO, 2014).

A característica mais marcante dessa planta é o seu fruto, de formato esférico, similar a uma cabaça e que guarda em seu interior sementes comestíveis comparadas a famosa castanha-do-pará (FILHO; SARTORELI, 2014).

O nome sapucaia provavelmente deve-se a semelhança que o seu fruto tem com um olho aberto ou esbugalhado.



Fotos: Acervo do MHNBA

Santo remédio

Sucupira-preto

Nome científico: *Bowdichia virgilioidis* Kunth, 1824

Etimologia: Tupi – Sewipíra

Nativa do cerrado brasileiro, a sucupira é considerada um santo remédio na medicina popular, onde o óleo extraído do seu fruto é empregadas como anti-inflamatório, antibiótico e anestésico para dores de coluna e reumáticas (FILHO, 2015).

Por causa dessas propriedades fitoterápicas, o sucupira despertou o interesse de muitos pesquisadores que vem investigando a fundo suas propriedades curativas, com resultados promissores para sua capacidade anti-inflamatória, ansiolíticas e hipoglicemiante (MACHADO et al., 2018).



Foto: Acervo do MHNBA

Folha grande

Tai'óba

Nome científico: *Xanthosoma sagittifolium* (L.) Schott, 1832

Etimologia: Tupi – Tai'aóba – cheia de folhagem

Essa Panc (planta alimentícia não convencional) tem sido cada vez mais apreciada e valorizada na culinária para o preparo de sopas, saladas, pães e bolos (KELEN et al., 2015) A taioba tem um sabor que lembra o couve e suas folhas, raiz e caule podem ser consumidos, sendo necessário o cozimento prévio.

Todavia, a taioba demanda um certo cuidado, já que pode ser confundida com outras plantas – falsas taiobas, comigo-ninguém pode – que são tóxicas, sendo necessário identificá-la corretamente antes de ser consumida.



Foto: Tau olunga, CC BY-SA 2.5 <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5>>, via Wikimedia Commons

Sagrada

Umbu

Nome científico: *Spondias tuberosa* Arruda, 1816

Etimologia: Tupi – Y'mbu – Árvore que dá de beber

O umbuzeiro é uma árvore de pequeno porte, que dá frutos famosos pelo seu sabor meio azedo e meio adocicado, sendo utilizado in natura ou para a produção de doces, licores e geleias (ARAÚJO et al., 2009), além de ser uma importante fonte de renda para os agricultores e famílias da região do semi-árido nordestino (CAVALCANTI et al., 2001 apud ARAÚJO et al., 2009).

Todavia, a característica mais peculiar do umbuzeiro, apelidado de árvore sagrada do sertão (CUNHA, 1985 apud ARAÚJO et al., 2009), é a sua capacidade de armazenar uma grande quantidade de água em suas raízes.

Quando os indígenas localizavam as raízes do umbuzeiro, cavavam e saciavam a sede com a água que encontravam (SOUSA, 1851). Por causa dessa característica, deram-lhe o nome de y'mbu, que significa árvore que dá de beber.



Foto: Acervo do MHNBA

Na cachaça

Umburana de cheiro

Nome científico: *Amburana cearensis* (Allemão) A.C. Sm. 1940

Etimologia: Tupi – Ymbú-rana – que parece umbu mas não é, ou falso umbu

A umburana apresenta uma grande variedade de usos, podendo ser usada para o paisagismo ou na indústria de bebidas, onde sua madeira é aplicada para a produção de toneis para o envelhecimento de cachaça (FILHO; SARTORELLI, 2015).

Essa árvore também é amplamente empregada na medicina popular, onde suas sementes são usadas no tratamento de doenças respiratórias, asma e como antirreumático, além da casca ter propriedades analgésicas e anti-inflamatórias (ROQUE et al., 2010).



Foto: Acervo do MHNBA

Vermelho feito urucum

Urucum

Nome científico: *Bixa orellana* L. 1753

Etimologia: Tupi – Uuru-ku – Vermelho

O urucum é uma planta largamente utilizada na indústria alimentícia, sendo a base do corante chamado popularmente de colorau. Das suas sementes se extraem dois principais corantes, um de cor vermelha e outro amarelado (FABRI; TERRAMOTO, 2015). Além de dar cor aos alimentos, como queijos e sorvetes, ele também é utilizado na indústria têxtil e de perfumes (FABRI; TERRAMOTO, 2015).

Contudo, muito antes de seu emprego comercial, o urucum já era usado por diversas etnias indígenas para pintar os seus corpos (CASTRO, 2009). Percebendo a coloração que obtinham dessa planta, deram-lhe o nome de Uru-ku, que significa vermelho.

Para utilizar o pigmento, os indígenas misturam a gordura de peixes ou óleos vegetais ao urucum, produzindo uma pomada que é aquecida com as mãos no momento em que a aplicam sobre o corpo (ALMEIDA, 1931).



Foto: Rodrigo Brandão

Curiosidades

Ao longo deste catálogo, foi apresentado apenas uma pequena quantidade dos representantes da fauna e da flora com nomes de origem indígena, uma vez que muitos dos animais e plantas do Brasil, apesar das mudanças que as reformas pombalinas trouxeram com a proibição da língua geral, são conhecidos popularmente pelos nomes dados pelos indígenas.

Assim, estudar e conhecer a etimologia desses nomes é vital, especialmente no caso brasileiro, dada a diversidade da fauna e flora local. Para cada um dos animais e plantas, os indígenas davam nomes inspirados em suas características marcantes ou hábitos, que revelam, inclusive, o saber tradicional desses povos. Além do mais, o conhecimento desses nomes e do saber popular que eles carregam pode agregar muito as pesquisas científicas, incluindo a descrição e identificação de novas espécies.

No intuito de valorizar a relação que existe entre indígenas e a fauna local, dois pesquisadores do Instituto de Biologia da UFBA e Museu de História Natural da Bahia, professores Adolfo Calor e Angela Zanata, batizaram peixes e insetos com nomes científicos inspirados em palavras provenientes das línguas faladas pelos indígenas, como será mostrado a seguir.

Adicionalmente, apresentamos como curiosidade uma prática cultural dos indígenas: a aplicação da vacina do sapo, o kambô.

A Vacina do Sapo

Desde a antiguidade, a humanidade faz uso de substância extraídas de animais para a medicina tradicional. Nas comunidades indígenas da América do Sul, diversas etnias utilizam a secreção extraída da pele do kambô, nome indígena da *Phyllomedusa bicolor*, uma espécie de anuro.

Para aplicação da vacina do sapo, os indígenas, após encontrarem o kambô, raspam um pouco da secreção do corpo do animal e colocam para secar em um pedaço de madeira. Depois, o pajé ou curandeiro faz pequenos queimaduras no braço ou peito dos doentes e aplica a secreção do kambô no local (BERNADE; SANTOS, 2009).

Os indígenas acreditam que a vacina do sapo promove a cura física e espiritual por combater a panema, uma palavra indígena para todo tipo de coisas ruins e fraqueza (BERNADE; SANTOS, 2009). Através desse ritual, eles acreditam combater a indisposição, aumentar a resistência e a força física e sexual dos doentes.

Contudo, ainda não há estudos científicos suficientes que comprovem os efeitos curativos da vacina do sapo. Portanto, ela não deve ser administrada por um não especialista ou fora das comunidades tradicionais, já que a secreção do kambô é tóxica, podendo levar a taquicardia, náuseas, tonturas e vômito (SILVA et al., 2009).

Aplicação da vacina do sapo



Foto: Vincent Moon, CC BY 3.0 <<https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/>>, via Wikimedia Commons

Perereca do mesmo gênero do kambô



Foto: Giovanna Hemerley

Povos e línguas indígenas homenageados em nomes científicos de peixes

Jupiaba

Você já ouviu a palavra "*Jupiaba*" ? Trata-se de um vocábulo de origem tupi para designar diversos peixes encontrados em rios. A palavra é formada pela junção de "ju" (espinho) – por causa do espinho na sua nadadeira pélvica – mais "piaba" (peixe pequeno de rio). Assim, essa palavra foi escolhida para nomear mais de 20 espécies do gênero *Jupiaba* (BIRINDELLI et al., 2009). Conheça alguns peixes batizados com esse nome.

Jupiaba kurua Birindelli, Zanata, Sousa & Netto-Ferreira, 2009 – Essa nova espécie de jupiaba, deriva o seu nome da palavra tupi kurua, em alusão à localidade tipo da espécie, no rio Curuá, no estado do Pará (BIRINDELLI et al., 2009).



Foto: *Jupiaba kurua*, live paratype. MZUSP 101299, approximately 80.0mm SL, upper rio Curuá, Xingu basin. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1679-62252009000100002>>.

Jupiaba iasy Netto-Ferreira, Zanata, Birindelli & Sousa, 2009 – O nome *iasy* deriva do tupi e significa lua. Nas lendas amazônicas, Iacy também é o nome de uma deusa, a mãe-lua, onde, de acordo com a lenda, ela recebia oferendas das icamiabas, belas mulheres indígenas e guerreiras (SANTOS, 2017). O peixe batizado com esse nome tem uma macha em forma de lua crescente em seu corpo.



Foto: *Jupiaba iasy*, holotype, MZUSP 100854, 47.1 mm SL, rio Teles Pires, Paranaíta, Mato Grosso State, Brazil. Disponível em: <<https://zenodo.org/record/275242>>

Jupiaba poranga Zanata, 1997 – A palavra poranga deriva do tupi-guarani porã e significa belo ou bonito.



Foto: Ângela Zanata

| Tapuia

Você já ouviu a palavra Tapuia? Trata-se da palavra através da qual os indígenas do litoral – pertencentes a família linguística tupi-guarani – identificavam os seus principais inimigos, os indígenas Macro-gê, uma outra família linguística, contra os quais entravam em constantes conflitos. Mais tarde, os portugueses usaram esse termo para designar o índio “bárbaro” e resistente a colonização (PARAÍSO, 1994).

Characidium tapuia Zanata, Ramos & Oliveira-Silva, 2018 – Encontrado no rio Parnaíba, no estado do Maranhão, local onde, historicamente, habitaram e habitam povos da família Macro-gê (os tapuias).



Foto: *Characidium tapuia*, paratype, UFRN 2871, 30.0 mm SL, Brazil, Piauí, rio São Gonçalo do Gurgueia, rio Parnaíba basin

| Jaguar

A palavra jaguar tem uma história muito interessante: originária do tupi-guarani – Îaguar – para designar a onça-pintada (*Panthera onca*), os indígenas usaram a mesma palavra para designar um animal trazido pelos portugueses: o cachorro. Assim, a pantera passou a ser conhecida como iaguar-êté (jaguar verdadeiro) e o cachorro como iaguar. Agora, esse nome também identifica uma espécie de peixe.

Hypostomus jaguar Zanata, Sardeiro & Zawadzki, 2013 – Encontrado no rio paraguaçu, na Bahia, o acari ou chupa-pedra, vive no fundo dos rios e tem o seu corpo recoberto por placas ósseas – formando um tipo de “armadura – em um padrão de manchas escuras em um fundo claro, lembrando a pele do jaguar.



Foto: *Hypostomus jaguar*, holotype, MZUSP 110603, 164.8 mm SL, from the rio Paraguaçu,

| Kiriri

A palavra kiriri, embora designe um povo indígena da família Macro-gê, é de origem tupi e significa calado ou silencioso. Desde o século passado os kiriri tem participado ativamente na luta pelo reconhecimento e defesa dos povos indígenas do nordeste, conseguindo importantes avanços. Confira o peixe batizado com esse nome.

Aspidoreas kiriri Oliveira, Zanata, Tencatt & Britto, 2017 – Encontrados no rio da Dona, no estado da Bahia, esses peixes levam o nome do povo indígena que originalmente habitou a região. (OLIVEIRA et al., 2017)



Foto: *Aspidoras kiriri*, holotype, MNRJ 47400, 30.6 mm SL, Brazil, Bahia, Serra da Jibóia, Varzedo, rio da Dona basin, riacho Cai-Camarão. Lateral view. Photographed in life.

Povos e línguas indígenas homenageados em nomes científicos de insetos

| Gênero *Tupiperla*

Os insetos pertencentes a esse gênero fazem parte de uma ordem de insetos aquáticos muito importantes, uma vez que servem como bioindicadores da qualidade das fontes de água em que habitam, auxiliando no processo de biomonitoramento (NOGUEIRA, et al., 2011). Conheça duas espécies de *Tupiperla* cujos nomes tem origem indígena.

Tupiperla guariru Duarte; Bispo & Calor, 2014 – A palavra *gariru* vem do tupi, sendo um antigo topônimo para a região da serra da jiboia – local onde foi localizado o *Tupiperla guariru* – e significa reservatório de água. (DUARTE, et al., 2014)

Tupiperla jumirim Bispo & Froehlich, 2007 – – A palavra *jumirim* vem do tupi-guarani *jurumirim*, sendo formada pela junção de *jurú* (boca) mais *mirim* (pequena), ou seja, boca pequena. Além do mais, o vocábulo também nomeia um município do estado de São Paulo.

| Gênero *Xiphocentron*

Os animais pertencentes a esse gênero fazem parte de uma ordem de insetos – Trichoptera – que além de serem importantes bioindicadores, também são verdadeiros joalheiros, pois em sua fase de larva aquática constroem elaborados casulos com os detritos do fundo dos rios (LIMA, 1943), às vezes agrupando rochas ou minerais preciosos sobre esse invólucro.

Xiphocentron kamakan – A palavra *kamakan* refere-se a um grupo indígena da família Macro-Gê, que teria habitado a região que hoje corresponde ao município de Camacan (CALOR; VILARINO, 2015)

Xiphocentron kamakan – A palavra kamakan refere-se a um grupo indígena da família Macro-Gê, que teria habitado a região que hoje corresponde ao município de Camacan (CALOR; VILARINO, 2015)

| Gênero *Grumichella*

Os insetos desse gênero, assim como *Xiphocentron*, também são insetos aquáticos e de grande importância ecológica. Confira três espécies de *Grumichella* com nomes indígenas.

Grumichella boraceia Calor & Holzenthal, 2016 – A palavra boraceia ou poraceia, vem do tupi e significa dança, além de fazer referência a um município do estado de São Paulo e a uma estação ecológica do mesmo nome. (CALOR et al., 2016)

Grumichella carioca – A palavra carioca vem do tupi, sendo formada pela junção das palavras kariua (homem branco) mais oka (casa), ou seja, a casa do homem branco. Essa palavra também é usada para identificar aqueles que nascem no Rio de Janeiro.

Grumichella jureia – Calor & Holzenthal, 2016 – A palavra jureia vem do tupi e significa ponta saliente, além de fazer referência à estação ecológica Jureia-Itatins (CALOR et al., 2016), outra palavra indígena que em uma tradução livre seria equivalente a nariz pontudo de pedra.

Equipe

Priscila Camelier: coordenadora do Museu de História Natural da Bahia

José Geraldo de Aquino Assis: coordenador do Setor Educacional do

Museu de História Natural da Bahia

Lana D' Andrade – fotografia e apoio técnico

Abel Mescena – pesquisador

Rodrigo Brandão - fotógrafo

Eva Pires - Layout e diagramação

Referências

AÇAÍ. In: **MICHAELIS**: Dicionário da língua portuguesa. Editora Melhoramentos, c2020. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=D998>. Acesso em: 05 nov. 2020.

ARARACANGA. In: **Wiki Aves**. Wiki Aves.com, c2008 – 2021a. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/araracanga>. Acesso em: 26 jan. 2021.

ARARA. In: **Britannica Escola**. Encyclopaedia Britannica. [s.l.], c2021a. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/arara/483075>. Acesso em: 01 fev. 2021.

AFONSO, F. D. G. **Uso do *Pterodon ermaginatus* no tratamento fitoterápico da artrite reumatoide**. Rio de Janeiro, 2017. 35 p. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Nutrição. Centro de Nutrição IBRM/Laureate International Universities.

ALBUQUERQUE, N. I. de *et al.* **Criação de caititus em cativeiro**: sistema intensivo de produção na Amazônia oriental. Brasília, DF: Embrapa, 2016. PDF. 108 p. Disponível em: <https://www.embrapa.br/amazonia-oriental/publicacoes>. Acesso em: 27 jan. 2021.

ALMEIDA, A. O. A acção protectora do Urucú. Boletim do Museu Nacional Rio de Janeiro. v. 3. n. 1, p. 3-8, 1931. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org>. Acesso em: 04 nov. 2020.

ALMEIDA, R. T. de. **A transformação da mulher nas lendas indígenas da amazônia**: percursos semióticos do sentido. 2018. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

AMARAL, A. do. Questões vernáculas IV – Linguagem indianista: O Tupi-Guarani na nomenclatura das serpentes do Brasil. **Revista da Academia Paulista de Letras**, Largo do Arouche, São Paulo, n. 87, p. 195 – 21, 1977. Disponível em: <https://www.etnolinguistica.org>. Acesso em: 28 jan. 2021.

ANDRADE, A.; PINTO, S. C.; OLIVEIRA, R.S., orgs. **Animais de Laboratório**: criação e experimentação [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. 388 p. ISBN: 85-7541-015-6. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 08 nov. 2020.

ARAÚJO, F. P. de *et al.* Umbú. In: SANTOS-SEREJO, J. A. dos *et al.* **Fruticultura tropical: espécies regionais e exóticas**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2009. p. 458 – 473. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/657761/umbu>. Acesso em: 05 nov. 2020.

BAIACU. In: **Britannica Escola**. Encyclopaedia Britannica. [s.l.], c2020b. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/baiacu/625701>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BARBOSA, W. C.; NAZARÉ, R. F de; VIÉGAS, R. M. F. **Processamento das sementes de Cupuaçu para obtenção de Cupulate**. Belém, PA: Embrapa, nov. 1990. 38 p. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/381906/processamento-das-sementes-de-cupuacu-para-a-obtencao-de-cupulate>. Acesso em: 01 fev. 2021.

BERNADE, P. S.; SANTOS, R. A. Utilização medicinal da secreção (“vacina do sapo”) do anfíbio kambô (*Phylomedusa bicolor*) (Anura: Hylidae) por população não indígena em Espigão do Oeste, Rondônia, Brasil. **Biotemas**, v.22, p. 213 – 220, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/21757925.2009v22n3p213/17937>. Acesso em: 26 jan. 2021.

BICCA-MARQUES, J.C. *et al.* Ordem Primates. In: REIS, N.R.; PERACCHI, A.L.; PEDRO, W.A.; LIMA, I.P. **Mamíferos do Brasil**. Londrina: Nélío R. dos Reis, 2006, p. 106 – 108.

BIRINDELLI, J. L. O. *et al.* New species of Jupiaba Zanata (Characiformes: Characidae) from Serra do Cachimbo, with comments on the endemism of upper rio Curuá, rio Xingu basin, Brazil. **Neotrop. ichthyol.**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 11-18, mar. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679. Acesso em: 10 dez. 2020.

BRAZOLIN, S. *et al.* *Schinopsis brasiliensis*: baráúna. In: CORADIN, Lidio; CAMILLO, Julcéia; PAREYN, Frans Germain Corneel (Ed.). **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro: região Nordeste**. Brasília, DF: MMA, 2018. p. 775. (Série Biodiversidade; 51) Disponível em: <http://www.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/142-serie-biodiversidade.html>. Acesso em: 30 jan. 2021.

BUCHERONI, G. Mau cheiro de gambá: verdade ou mito? **G1**, 07 abr. 2018. Terra da gente. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/mau-cheiro-de-gamba-verdade-ou-mito.ghtml>. Acesso em: 08 nov. 2020.

CAITITU. In: MICHAELIS: Dicionário da língua portuguesa. Editora Melhoramentos [S.L.] c2020. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=caititu>. Acesso em: 06 nov. 2020.

CALOR, A. R. Trichoptera. In: **Guia on-line de Identificação de larvas de Insetos Aquáticos do Estado de São Paulo**, 2007. Disponível em: http://sites.ffclrp.usp.br/aguadoce/index_trico. Acesso em: 28 jan. 2021.

CALOR, A. R. *et al.* Phylogeny and revision of the Neotropical genus *Grumichella* Müller (Trichoptera: Leptoceridae), including nine new species and a key. **Zoological Journal of the Linnean Society**, v. 176, Issue 1, janeiro 2016. p. 137–169. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/zoj.12310>. Acesso em: 28 jan. 2021.

CALOR, A. R.; VILARINO, A. New species of *Xiphocentron* Brauer 1870 (Trichoptera: Xiphocentronidae) from Northeastern Brazil. **Zootaxa**. [S.I.], v. 3914, n.

1, p. 46–54, jan. 2015. Disponível em: <https://www.biotaxa.org/Zootaxa/article/view/zootaxa.3914.1.2>. Acesso em: 28 jan. 2021.

CALZAVARA, B. B. G. **Fruteiras**: abeiriço, abricozeiro, bacurizeiro, biribazeiro, cupuaçuzeiro. Série Culturas da Amazônia. Belém: Instituto de Pesquisas e experimentação agropecuária do Nordeste, n. 1. 1970. p. 79. 1970. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/376699/fruteiras-abeiro-abricozeiro-bacurizeiro-biribazeiro-cupuacuzeiro>. Acesso em: 01 fev. 2021

CARDOSO, S. de F. **O maracá na escola**: pensamento mágico, instrumento percussivo e ritualístico.

CARVALHO, J. E. U.; MULLER, C. H. **Cupuaçuzeiro**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, dez. 2004, 3 p. (Comunicado Técnico – CPATU). Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/407339>. Acesso em: 29 jan. 2021

CARVALHO, L. T. de et al. **Conhecendo espécies de plantas da Amazônia**: Sapucaia (*Lecythis pisonis* Cambess. – Lecythidaceae). Embrapa, Belém: Pará, nov. 2014. 5 p. (Comunicado Técnico 250) Disponível em: <https://www.embrapa.br/en/busca-de-publicacoes/-/publicacao/999043/conhecendo-especies-de-plantas-da-amazonia-sapucaia-lecythis-pisonis-cambess---lecythidaceae>. Acesso em: 13 nov. 2020.

CARVALHO, R. F.; CONCEIÇÃO, A. C. R. da; JESUS, G. S. de. *Attalea funifera*: piaçava. In: CORADIN, L.; CAMILLO, J.; PAREYN, F.G.C. (Ed.). **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro**: região Nordeste. Brasília, DF: MMA, 2018. p. 419 - 421. (Série Biodiversidade; 51) Disponível em: <http://www.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/142-serie-biodiversidade.html>. Acesso em: 30 jan. 2021.

CARVALHO, R. F.; CONCEIÇÃO, A. C. R. da; LEÃO, M. A. *Syagrus Coronata*: Licuri. In: CORADIN, L.; CAMILLO, J.; PAREYN, F. G. C. (Ed.). **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro**: região Nordeste. Brasília, DF: MMA, 2018. p. 463. (Série Biodiversidade; 51) Disponível em: <http://www.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/142-serie-biodiversidade.html>. Acesso em: 30 jan. 2021.

CASTRO, C. B. de *et al.* **A cultura do urucum**. 2.ed. Brasília, DF: Embrapa informação tecnológica, 2009, 63 p. (Coleção plantar).

CASTRO, E.V de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, out. 1996. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0104-93131996000200005&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 15 nov. 2020.

CAMARGO, E. Yube: O homem-sucuriju – Relato caxinauá. **Ameríndia**, [S.I], n. 24, p. 195 – 212, 1999. Disponível em: <https://docplayer.com.br/27191134-Yube-o-homem-sucuriju-relatocaxinaua.html>. Acesso em: 07 nov. 2020.

CAMILLO, J.; CORADIN, L.; OLIVEIRA, C.N.S. A iniciativa Plantas para o futuro. In: CORADIN, L.; CAMILLO, J.; PAREYN, F.G.C. (Ed.). **Espécies nativas da flora**

brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro: região Nordeste. Brasília, DF: MMA, 2018. p. 67 (Série Biodiversidade; 51) Disponível em: <http://www.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/142-serie-biodiversidade.html>. Acesso em: 30 jan. 2021.

CHÁ de Ipê tem propriedades antioxidantes e serve como anti-inflamatório. **G1**, Campinas e região, 01 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/cha-de-ipe-tem-propriedades-antioxidantes-e-serve-como-anti-inflamatorio.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2021.

CHEIDA, C. C. *et al.* Ordem carnívora. *IN*: REIS, N.R.; PERACCHI, A.L.; PEDRO, W.A.; LIMA, I.P. **Mamíferos do Brasil**. Londrina: NÉLIO, R. dos R. 2006, p. 235, 262 – 264.

CORADIN, L.; CAMILLO, J.; PAREYN, F.G.C. (Ed.). **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro:** região Nordeste. Brasília, DF: MMA, 2018. (Série Biodiversidade; 51) Disponível em: <http://www.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/142-serie-biodiversidade.html>. Acesso em: 30 jan. 2021.

CRUZ, E. D. **Germinação de sementes de espécies amazônicas:** Maçaranduba [*Manilkara huberi* (Ducke) A. Chev.]. Belém: Pará, Embrapa Amazônia Oriental, 2016, 3 p. (Comunicado Técnico). Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1041675/germinacao-de-sementes-de-especies-amazonicas-macaranduba-manilkara-huberi-ducke-a-chev>. Acesso em: 29 jan. 2021

CUMARÚ. *In*: MICHAELIS: Dicionário da língua portuguesa. Editora Melhoramentos, c2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cumarú>. Acesso em: 12 nov. 2020.

CUMARU. **Embrapa:** Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias, Campinas, c2020. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agrossil/vipastoril/sitio-tecnologico/trilha-ecologica/especies/cumarú>. Acesso em: 13 nov. 2020.

CYMERYS, M.; CLEMENT, C. R. Pupunha: *Bactris gasipaes* Kunth. *In*: MEDINA, G. *et al.* **Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica**. 2 ed. rev. e aum. Brasil: Centro Internacional para Pesquisa Florestal (Cifor), 2010. p. 209 – 220.

DRUMOND, M. A. **Licuri** *Syagrus coronata* (Mart.) Becc. Embrapa Semi-Árido, Petrolina, 2007, p. 1 - 16. Disponível em: <http://www.cpatia.embrapa.br>. Acesso em: 13 nov. 2020.

DUARTE, T.; BISPO, P.; CALOR, A. (2014). A new species of *Tupiperla* Froehlich, 1969 (Plecoptera: Gripopterygidae) from Serra da Jibóia, Bahia, Brazil. **Zootaxa**. v. 3835, jul. 2014. p. 140-144. Disponível em: <https://www.biotaxa.org/Zootaxa/article/view/zootaxa.3835.1.9>. Acesso em: 29 jan. 2021.

EMBRAPA. Sapo cururu. Campinas, c2020. Disponível em: <https://www.cnpm.embrapa.br/projetos/fauna/main/mostraEspecieDireto/read/198>. Acesso em: 26 nov. 2021.

FABRI, E. G.; TERAMOTO, J. R. S. Urucum: fonte de corantes naturais. **Hortic. Bras.** v. 33, n. 1, p. 140, mar. 2015, Vitória da Conquista. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-05362015000100140&lng=en&nrm=iso. Acesso em 04 Nov. 2020.

FILHO, E.M.C.; SARTORELLI, P.A.R. **Guia de árvores com valor econômico**. São Paulo: Agroicone, iniciativa input, 2015, p. 26, 85, 101, 124 e 125.

FIOCRUZ. **Anfibios**. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/anfibio.htm>. Acesso em: 26 jan. 2021.

FREITAS, M. A. de. **Serpentes brasileiras**. Proquigel química, 2003. 160 p.

GASPAR, L. Jurema. *In: Pesquisa Escolar Online*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, c2020. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

GATES, P. **Maravilhas da Natureza**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. p. 36.

GIGANTES da floresta: conheça os jequitibás do Brasil. **G1**, 25 mar. 2020. Terra da gente. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2020/03/25/gigantes-da-floresta-conheca-os-jequitibas-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 13 nov. 2020.

GOES, A. C. P. **Criação de jacarés**, Macapá, 1989, 11 p. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/352399/criacao-dejacare>. Acesso em: 11 nov. 2020.

GOMES, R. Música da Mata. *In: MEDINA, G. et al, (Ed.). Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica*. 2 °.ed. rev. e aum. Brasil: Centro Internacional para Pesquisa Florestal (Cifor), 2010. p. 283.

GREENATION. **Árvore do dia**: Embiruçu. Disponível em: <https://greennation.com.br/noticia/arvore-do-dia-embirucu/2868/>. Acesso em: 14 nov. 2020.

GUIA MUCUGÊ. **História**. Disponível em: <http://guiamucuge.com.br/sobre/mucuge/historia/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

HOLZENTHAL, R. W. *et al.* Order Trichoptera. *In: ROGER, C.D.; THORP, J.H. Thorp and Covich's Freshwater Invertebrates: Ecology and general biology*. Academic press, 2015, cap. 38.

HUE, S. M. **Delícias do descobrimento**: A gastronomia brasileira no século XVI. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

IMPERATRIZ-FONSECA, V. L. *et al.* **Guia de Plantas Visitadas por Abelhas na Caatinga**. Fortaleza: Fundação Brasil Cidadão, 2012, p. 59.

IMA - INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE DE SANTA CATARINA. **Sagui, javali e chorão-da-praia**: exemplos de Espécies Exóticas Invasoras, 26 jun. 2019. Disponível

em: <https://www.ima.sc.gov.br/index.php/noticias/1231-sagui-javali-e-chorao-da-praia-exemplos-de-especies-exoticas-invasoras>. Acesso em: 12 nov. 2020.

JABUTI. In: **Britannica Escola**. Encyclopaedia Britannica, c2020c. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/tartaruga/482727>. Acesso em: 09 nov. 2020.

KELEN, M. E. B. (Org) *et al.* **Plantas alimentícias não convencionais (PANCs): Hortaliças espontâneas e nativas**. Porto Alegre: UFRGS, 2015, 1 ed, 44 p.

LÉRY, J. de. **Viagem à terra do Brasil**. [s.l] Biblioteca do exército, 1961. Tradução: Sérgio Milliet.

LEMOS, E. E. P. de et al. *Myrciaria floribunda*: Cambuí. In: CORADIN, Lidio; CAMILLO, Julcéia; PAREYN, Frans Germain Corneel (Ed.). **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro: região Nordeste**. Brasília, DF: MMA, 2018. (Série Biodiversidade; 51) Disponível em: <http://www.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/142seriebiodiversidade.html>. Acesso em: 30 jan. 2021.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**, v.3. São Paulo: Nova Odessa - Instituto Plantarum de Estudo da Flora, 2009. 384 p.

LICURI. In: **MICHAELIS**: Dicionário da língua portuguesa. Editora Melhoramentos, c2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ouricuri>. Acesso em: 06 nov. 2020.

LIMA, A. da C. **Insetos do Brasil**. 4º tomo: capítulos XXIV – XXVII. Escola de Agronomia, nº5, 1943, cap. 27.

MACHADO, M. S. L.; BRUNO, K. A.; MELO, M. de O.; KOIKE, M. K. Fitoterapia brasileira: análise dos efeitos biológicos da sucupira (*Bowdichia virgilioides* e *Pterodon emarginatus*). **Brazilian Journal of Natural Sciences**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 7, 2018. DOI: 10.31415/bjns.v1i2.10. Disponível em: <https://bjns.com.br/index.php/BJNS/article/view/10>. Acesso em: 2 fev. 2021.

MARACUJÁ. In: **MICHAELIS**: Dicionário da língua portuguesa. Editora melhoramentos, c2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/maracuja>. Acesso em 04 nov. 2020.

MATTOS, M.; FERREIRA, S.; SABOGAL, C. Floresta para as pessoas. In: MEDINA, G. *et al*, (ed.). **Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica**. 2 °.ed. rev. e aum. Brasil: Centro Internacional para Pesquisa Florestal (Cifor), 2010, p. 243 – 277.

MCNEIL, C. L. Chocolate in Mesoamerica: A Cultural History of Cacao. *Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*, [s.l], jun. 2008. v.26, p. xx. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249494239_Chocolate_in_Mesoamerica_A_Cultural_History_of_Cacao_by_Cameron_McNeil_ed. Acesso em: 01 fev. 2021

MEDINA, G. *et al*, (Ed.). **Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica**. 2 °.ed. rev. e aum. Brasil: Centro Internacional para Pesquisa Florestal (Cifor), 2010, 320 p.

MEDRI, I. M.; MOURÃO, G. M.; RODRIGUES, F. H. G. Ordem Xenarthra. *In*: REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W.A.; LIMA, I.P. **Mamíferos do Brasil**. Londrina: Nélío R. dos Reis, 2006, p. 74 – 93.

MELO, C. B. Cacau. **Embrapa**: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 2017. Disponível em: <https://www.embrapa.br/en/busca-de-imagens/-/midia/4096001/cacau>. Acesso em: 13 nov. 2020.

MENQ, W. (2018) Urubu-rei (*Sarcoramphus papa*) - Aves de Rapina Brasil. Disponível em: http://www.avesderapinabrasil.com/sarcoramphus_papa.htm. Acesso em: 12 nov. 2020.

MOLICA, J. **Não é mole não**. *In*: Ciência hoje. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/nao-e-mole-nao/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

NOBLICK, L. R. **Guia para as palmeiras do nordeste do Brasil**. Feira de Santana: UEFS, 2019.

NOGUEIRA, D. S.; CABETTE, H. S. R.; JUEN, Leandro. Estrutura e composição da comunidade de Trichoptera (Insecta) de rios e áreas alagadas da bacia do rio Suiá-Miçú, Mato Grosso, Brasil. **Iheringia**, Sér. Zool., Porto Alegre, v. 101, n. 3, p. 173-180, set. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0073-47212011000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 jan. 2021.

NOGUEIRA, O. L. *et al.* **Açaí**. Embrapa Amazônia Oriental. Sistemas de produção, 4, Belém, Pará, v. 4, ed. 1, 2005, 137 p. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/408196/acaí>. Acesso em: 9 nov. 2020

NOGUEIRA, O. L. *et al.* **Pupunha**. Brasília, DF: Embrapa-SPI, 1995 (Coleção Plantar).

OLIVEIRA, J. A; BONVICINO, C. R. Ordem Rodentia. *IN*: REIS, N.R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A.; LIMA, I. P. **Mamíferos do Brasil**. Londrina: Nélío R. dos Reis, 2006, p. 382 – 384.

OLIVEIRA, L. M. A. *et al.* A new species of *Aspidoras* (Siluriformes: Callichthyidae) from a small coastal drainage in northeastern Brazil. **Neotropical Ichthyology**, 15, p. 1 – 8, mar. 2017. Disponível em: [https://www.semanticscholar.org/paper/A-new-species-of-Aspidoras-\(Siluriformes%3A-from-a-in-Oliveira-Zanata/089e33de4d16657f0010045af3ff6de062a34c51#citing-papers](https://www.semanticscholar.org/paper/A-new-species-of-Aspidoras-(Siluriformes%3A-from-a-in-Oliveira-Zanata/089e33de4d16657f0010045af3ff6de062a34c51#citing-papers). Acesso em: 28 jan. 2021.

PALMER, J. Os animais que consegue ficar meses (ou anos) sem beber água. **BBC NEWS**, 9 out. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-earth-37569444>. Acesso em: 26 jan. 2021.

PARAÍSO, M. H. B. De como se obter mão de obra indígena na Bahia entre os séculos XVI e XVII. **R. História**, São Paulo, n. 129-131, p. 179-208, ago.-dez./93 ago.-dez/94.

PARQUE DAS AVES. **Arara**. Disponível em: <https://www.parquedasaves.com.br/aves/arara-macao/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

PELE de mandíbula de jacaré é mais sensível que tato humano, diz estudo. **G1**, 08 ago. 2012. *Natureza*. Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2012/11/pele-de-mandibula-de-jacare-e-mais-sensivel-que-tato-humano-diz-estudo.html>. Acesso em: 11 nov. 2020

PIERI, F. A.; MUSSI, M.C.; MOREIRA, M. A. S. Óleo de copaíba (*Copaifera* sp.): histórico, extração, aplicações industriais e propriedades medicinais. **Rev. bras. plantas med.**, Botucatu, v. 11, n. 4, p. 465-472, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151605722009000400016&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 nov. 2020.

PIRANGA. In: **DICIO**: Dicionário Online de Português. 7GRAUS, c2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/piranga/>. Acesso em: 09 nov. 2020.

POLTRONIERI, M. C. *et al.* **A cultura do guaraná**. 1. Ed. Brasília, DF: Embrapa-SPI, 1995, 48 p (Coleção Plantar).

QUATI. In: **Britannica Escola**. Encyclopaedia Britannica, c2020. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/quati/483489>>. Acesso em: 08 nov. 2020.
REFLORA DO BRASIL. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/PrincipalUC/PrincipalUC.do;jsessionid=636531A157A49EF6B255B9ABDE3A679A#CondicaoTaxonCP>. Acesso em: 20 nov. 2020.

REIS, D. Teiú (*Salvator merinae*). In: SILVEIRA, F. F. **Fauna digital do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/teiu-salvator-merinae/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M. I. B. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil). **Rev. bras. plantas med.**, Botucatu, v. 12, n. 1, p. 31-42, Mar. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722010000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 Jan. 2021.

ROSSI, R.V. *et al.* Ordem Didelphimorphia. In: REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A.; LIMA, I. P. **Mamíferos do Brasil**. Londrina: Nélío R. dos Reis, 2006, p. 34 – 35.

SAGUI. In: **Britannica Escola**. Encyclopaedia Britannica, c2020. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/sagui/483536>. Acesso em: 12 nov. 2020.

SAMOTO, V. Y. *et al.* Morfologia da glândula mamária de gambás da espécie *Didelphis* sp associada ao modelo marsupial. **Biota Neotrop.**, Campinas, v. 6, n. 2, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-06032006000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 jan. 2020.

SANTANA NETO, P. L. *et al.* Envenenamento fatal por baiacu (*Tetrodontidae*): relato de um caso em criança. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, Uberaba, v. 43, n. 1, p. 92-94,

Feb. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037. Acesso em: 10 nov. 2020.

SANTOS, S. A. dos S. YKAMIABAS – Mulheres guerreiras: entre mitos, lendas, historicidade, gênero e sexualidade. *In: Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 11, 2017, Florianópolis. Anais eletrônicos: 13° Women World Congress, p. 1 – 12.

SANTOS, E. P. dos. Pindobassu (*Attalea pindobassu*). Flora da Caatinga, [s.l.], jul. 2018. Disponível em: <http://diacaatingaflora.blogspot.com/2013/07/pindobassu-attalea-pindobassu.html>. Acesso em: 03 fev. 2020.

SCHULZE, M.; PATRICIA, S. Jatobá *Hymanea courbaril* L. *In: MEDINA, G. et al*, (ed.). **Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica**. 2 °.ed. rev. e aum. Brasil: Centro Internacional para Pesquisa Florestal (Cifor), 2010, p. 109 – 117

SICK, H. **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997m p. 221 – 222.

SILVA, F. V. A.; MONTEIRO, W. M; BERNARDE, P. S. “Kambô frog (*Phyllomedusa bicolor*): use in folk medicine and potential health risks. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, 52: e20180467, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86822019000100903. Acesso em: 26 jan. 2021.

SILVEIRA, F. F. **Quati** (*Nasua nasua*). *In: Fauna digital do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mamiferos/ordem-carnivora/familiaprocyonidae/quati-nasua-nasua/>. Acesso em: 08 nov. 2020.

SILVEIRA, F. F. **Tatu-galinha** (*Dasyus novemcinctus*). *In: Fauna digital do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mamiferos/ordem-cingulata/familia-dasyopodidae/tatu-galinha-dasyus-novemcinctus/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

SOUSA, G. S. de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Rio de Janeiro : Typographia Universal de Laemmert, 1851. p. 192 - 193, 199. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4795>. Acesso em: 05 nov. 2020.

SOUSTELLE, J. **A civilização asteca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. Tradução de: Maria Julia Goldwasser.

THE BRITISH MUSEUM. **Giacomo Bosio**. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG185849>. Acesso em: 05 nov. 2020.

TIEPOLO, M. L.; TOMAS, Walfrido Moraes. Ordem Artiodactyla. *In: REIS, N. R.; PERACCHI, A. L.; PEDRO, W. A.; LIMA, I. P. Mamíferos do Brasil*. Londrina: Nélío R. dos Reis, 2006, p. 284 – 285.

TIBÃES, L. E. A influência da música, enquanto expressão da religiosidade de matrizes africanas, em terreiros de Candomblé de Diamantina – Minas Gerais, na perspectiva do processo saúde/doença. 2017. 136 p. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Saúde, Sociedade e Ambiente, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2017.

TOMCHINSKY, B. **Prospecção de plantas aromáticas e condimentares no Brasil**. 2017. 297 p. Tese (Doutorado em Agronomia) – Faculdade de Ciências Agrônômicas, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2017.

ZACHARIAS, A. O. *et al.* **Maracujá** : o produtor pergunta, a Embrapa responde. Brasília, Distrito Federal: Embrapa Informação Tecnológica, 2016, 341 p. (Coleção 500 perguntas, 500 respostas)

ZOO FUNDAÇÃO JARDIM ZOOLOGICO DE BRASÍLIA Jupará. Disponível em: <http://www.zoo.df.gov.br/jupara/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

Dicionários e obras consultadas para os termos em Tupi

AMARAL, A. do. Questões vernáculas IV – Linguagem indianista: O Tupi-Guarani na nomenclatura das serpentes do Brasil. **Revista da Academia Paulista de Letras**, Largo do Arouche, São Paulo, n. 87, p. 195 – 21, 1977. Disponível em: <https://www.etnolinguistica.org>. Acesso em: 28 de jan. 2021.

AYROSA, P. **Primeiras noções de Tupi**. São Paulo: [s.n], 1933. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:ayrosa-1933-primeiras>. Acesso em: 28 jan. 2021

CARVALHO, M. R. de. **Dicionário tupi (antigo) português**. Salvador: Empresa gráfica da Bahia, 1987. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:carvalho-1987-dicionario>. Acesso em: 29 jan. 2021.

LÉRY, J. de. **Viagem à terra do Brasil**. Tradução: Sérgio Milliet. Biblioteca do exército, 1961.

MAURO, H. **Vocabulário dos termos Tupis de o selvagem de Couto de Magalhães**. Rio de Janeiro: Ministério da educação e da cultura – Serviço de documentação, s.d, 1957. 57 p. Disponível em: https://www.geocities.ws/indiosbr_nicolai/tupihm.html. Acesso em: 06 nov. 2020.

MELHORAMENTOS. **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

SOUSA, G. S. de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Rio de Janeiro : Typographia Universal de Laemmert, 1851. 422 p. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4795>. Acesso em: 05 nov. 2020.